

A institucionalização da beleza no universo feminino

The institutionalization of the beauty in the feminine universe

Ana Paula Veiga

RESUMO

O presente trabalho apresenta reflexões sobre a insatisfação na auto-imagem feminina. A beleza antes atributo natural, hoje é produto de consumo manipulado. O efeito colateral é a extirpação da auto-estima e da possibilidade de valorização das singularidades. Ter um corpo é ter uma identidade e alterá-lo é uma possibilidade de ser menos dona de si. Permanentes queixas de inadequação e insatisfação se presentificam nos dias de hoje. Como tais queixas, a busca pela beleza - impositiva e padronizada - também é constante. A maioria percebe o corpo como um obstáculo, usando academias, constantes dietas ou mesmo cosméticos e operações plásticas, o que mostra a imperfeição e simboliza o feminino como fragilidade. Não é intenção desse trabalho, porém, criticar a busca pela melhora da auto-imagem nem o valor da importância estética para o bem estar, ou seja, não é este um manual contra a beleza. O objetivo maior é fazer uma reflexão sobre essa busca por corpos perfeitos e belezas fechadas. Uma tentativa de estabelecer algum ponto de discussão sobre a questão do consumo corporal como cartão de visita e como um meio de aceitação nacional.

Palavras-chave: beleza, meios de comunicação, realização pessoal, auto-estima, padrões utópicos.

ABSTRACT

The present work summarizes reflections about the dissatisfaction in the female self-image. Beauty, once a natural attribute, has become a retail item manipulated. The collateral effect is the extirpation of self-esteem and of the lack of valorization of singularities. Having a body is having an identity; altering one's body introduces the possibility of becoming less of an owner of somebody's self. Permanent complaints about the scantiness and dissatisfaction with one's body are present nowadays. Just like such grievances, the quest for beauty – imposed and patronized – is also constant. The majority perceive their bodies as an obstacle, and are always joining gyms, going on crash diets, buying expensive cosmetics and undergoing plastic surgeries, successfully demonstrating how imperfection correlates the feminine with frailty. The intention of this research, however, is not to criticize the quest for a better self-image nor the importance of aesthetics in one's wellbeing; this is not a manual against beauty. The major objective of this work is to solely promote reflection about the

pursuit of perfect bodies and beauty. It is an attempt in establishing some discussion topics about the issues of using one's body as a business card and as a way of national acceptance.

Keywords: media, personal satisfaction, self-esteem, utopist patterns.

INTRODUÇÃO

O corpo é uma entidade comunicativa. Dentro ou fora, ele transmite mensagens. Em uma situação de tensão, ele se retrai e se algo ficar parado em seu interior sem que haja instrumentos necessários para dar conta da situação, ele é capaz de somatizar.

Assim, o corpo não encerra somente a sua esfera orgânica. É também evento, social, cultural, religioso e psicológico. Norteia a vida cotidiana como forma de comunicação, utilizando signos ligados à roupas, linguagem, gestos e instituições. O corpo é um lugar que estabelece idéias e emoções, sendo um intercâmbio sensório motor dos sentidos à ação. Pela sua subjetividade se faz capaz de determinar sentimentos que representam os seus costumes, paixões, afetos, emoções, desejos, traduzindo o mundo simbólico.

E são vários os fatores utilizados na construção social da imagem: fatores psicológicos, políticos e sociais dão uma definição ao papel desempenhado no trabalho, na família, no mundo em um múltiplo lugar de significações que nossa tradição admite divulgar.

Assim, já é possível saber que a imagem corporal é uma representação interna e também psíquica capaz de destruir a auto-estima ou expressão sexual, como efeito colateral tem-se quadros como a depressão e distúrbios alimentares, ou seja, sofrimento. Pessoas que não se sentem atraentes são mais propensas a avaliações negativas, exagerando na importância da imagem e, dessa forma, não se entregam muito ao próximo – já que encontram-se fechadas em si próprias.

É dessa e de outras formas que o corpo pode ser um bom aliado ou um forte inimigo. É dessa e de outras formas que pode-se ter uma relação romanceada ou aterrorizante já que o modo como o corpo é visto, influencia a forma como ele é usado.

É certo que temos sede por aceitação e por nos sentirmos amados, inseridos e bem integrados em nosso grupo. Essa questão da beleza é mais um aspecto a ser pensado nessa direção e mais um meio que as pessoas têm buscado para conseguir saciar-se. Porém, é frustrante ver as mulheres se sacrificando para conseguir pesar 40 kgs e usar um sutiã tamanho 46 ou usando tanto botox a ponto de perder a expressividade.

Por mais que o ditado seja definitivo em quaisquer discussões sobre a beleza – “quem ama o feio, bonito lhe parece” – padrões estéticos ainda são impostos de maneira ditatorial na obsessão pela forma ideal. Os padrões mudam constantemente e não se pode acompanhá-los sem sérios danos ao seu autocontrole emocional e sua vida.

Em qualquer texto sobre o mundo contemporâneo, percebe-se que a aparência tornou-se a essência do ser humano, produtor de efeito de uma graça, um favor. Verdade ou não, certo é que tal preocupação com a beleza, fez aumentar exponencialmente o número de cirurgias estéticas – tudo isso devido a supostas portas que são abertas pelo fato de se ser belo e suas conseqüências.

Tal retrato é exposto pelo espelho que nos conta o que se quer maquiar e aquilo que precisa ser arrancado. Também é contado pelos outros que nos mostram como atuamos no palco da vida e nos revelam que o ser atraente tem significados culturais semelhantes, mas de alguma forma serve como molde da tradução de como se deve sentir com a própria vida. Às vezes, a beleza só não é enxergada. Às vezes prende-se a uma idéia de que somente mais e mais beleza pode trazer felicidade e confiança. Às vezes lamenta-se a própria sorte.

São as mulheres, as mais propensas a tais ‘faltas de sorte’. Fonte e forma de um desejo em descobrir o motivo de sua permanente angústia no qual independentemente da situação financeira estão insatisfeitas com o próprio corpo e em constantes lutas pessoais, mas não incomuns - até porque os homens não são muito pressionados pela estética como o gênero feminino, talvez por ser o provedor, deter o poder econômico tradução da força, poder e razão.

Hoje há uma supervalorização daquilo que só os olhos podem ver, do sorriso esteticamente lindo que esconde uma profunda tristeza, do descartável, da negação de quem se realmente é pra sermos aquilo que esperam que sejamos. E o que cria e norteia o senso comum é justamente a coerção social, é a convenção de uma sociedade que hoje vê como bom e belo, o jovem e o ‘esticado’.

Importante salientar que o individual e o social são faces indissociáveis da mesma moeda. Como qualquer outra realidade de mundo, o corpo também é socialmente construído. Contudo, é necessário examinar o que cada um desses aspectos encerra para integrá-los. A História pode nos contar um pouco sobre tal percurso, como a sociedade evoluiu e como nós, mulheres – sempre tão comentadas, estudadas, compreendidas ou mal entendidas – evoluímos. A divisão da classe ociosa e operária reflete uma relação entre beleza e poder, posição social determinando a ideologia do culto aristocrático da beleza como aversão pela produção de trabalho. Essa mesma história nos mostra que não só a beleza, mas o corpo feminino teve um lugar historicamente negado ao universo feminino.

Hoje se tem outro efeito. O posicionamento da mulher no mercado de trabalho a colocou em evidência e em disputa com sua própria imagem criando um ideal a ser seguido. Houve uma ruptura entre corpo e a questão da beleza e o que era pra ser saudável e desencanado, tornou-se uma obsessão fora de controle. Tudo isso partindo de algo aparentemente sem sentido, pois, por exemplo, o estilista se preocupa com um padrão no qual caibam os vestidos e as pretensas revistas femininas de libertação da mulher também ainda divulgam essa forma de pressão e promovem o esteriótipo.

Assim, uma questão forte a ser considerada é o valor da mulher numa sociedade capitalista. Se observarmos a fundo as necessidades hoje abordadas como fundamentais, pode-se perceber que as mulheres, em alguns sentidos, estão sendo moldadas como um produto e perdendo a sua auto-imagem. O contrato da beleza não necessariamente revela saúde. Tem muito mais a ver com uma padronização corporal e de uma busca incansável de clínicas estéticas como aliadas em tal utopia e na exploração da imagem pelas mesmas.

Percebe-se que a preocupação com a beleza é alvo das atenções de toda a humanidade, e esse cuidado pela estética tem expandido a cada dia. O homem julga o padrão de beleza fundamentado na cultura adquirida e nos hábitos do local onde vive e os meios de comunicação também influenciam enormemente essa questão visto que para se comparar é preciso ter um modelo e esse é justamente o imposto como parâmetro pela mídia. É preciso enaltecer a iniciativa de uma marca de produto de beleza que fez uma propaganda vinculando “modelos de verdade”, mostrando alternativas.

Ser bela é ser bela por inteiro – no continente e no conteúdo – e ser sábio é valorizar o todo. Pois a beleza física é fonte de atração para os que procuram uma companhia eventual e herdada, mas a beleza interior é conseguida com o passar do tempo e não tenece com ele.

É fonte de atrativos já que o seu interior teria sido preenchido e não precisa então reclamar da juventude que se perdeu porque seu saldo continua positivo. Ela foi substituída com a vantagem de uma beleza diferente, mantida através dos anos.

Ao contrário do que muitas mulheres imaginam, o que as torna "desejáveis" vai muito além da beleza. A verdadeira beleza de uma mulher, uma beleza que é eterna está em fatores que nada tem a ver com a cara ou o corpo. Estes são complementos da luz, sensualidade e brilho natural que cada uma tem. Fortalecer seu mundo interior, acreditar em si, suas potencialidades e beleza é a chave de toque.

Há mulheres que são mais assediadas do que outras mesmo que não se saiba responder ao certo como e porque isso acontece. Não se percebe que isso é motivado por uma enormidade de fatores somados. Alguns atrativos naturais – beleza, temperamento, grau de sociabilidade – a produção – vestuário, maquiagem, malhação – e comportamento – auto-estima, simpatia – fazem toda a diferença.

Afinal, se um interesse inicial é pela beleza, ele pode não durar nada e ser extremamente vazio. Vale mais ter um comportamento que traz beleza, como simpatia, educação, delicadeza. Até porque, com essas tecnologias de hoje, ser belo esta cada vez mais comum e popular. Vai-se perdendo o encanto, já que não é algo tão difícil de se ter quando se tem disposição e dinheiro. A chave é pensar no equilíbrio, na qualidade de vida e no respeito à própria estrutura física.

Assim, fundamental é respeitar os "defeitos" e limitações, afinal isso faz parte e é algo amoral fazer o indivíduo se sentir inferior a ponto de se mutilar para acabar com o sentimento de rejeição. Os anos passam, a beleza modifica, as rugas aparecem e o que sobra é quem realmente a pessoa é - ou a famosa beleza interior. Uma pessoa não é só uma "casca", existe um mundo dentro dela, onde se encontra a formação de um indivíduo, sua personalidade. No final de contas, todos vamos envelhecer. Algo se mantém: a essência que está dentro de nós. E é isso com que vamos viver. Enriquecer a vida interior é um dos caminhos.

Mas evidentemente, não pretendo negar a importância da realidade objetiva. Existe uma dialética necessária entre o dentro e o fora. Importa, isto sim, como cada um a sente. Não interessam a sociedade e a cultura, mas como as vivenciamos dentro de nós. Daí as diferenças entre as pessoas. Afinal, todos convivem com os mesmos padrões sócio-culturais. O resultado: ninguém é igual.

Talvez no fim das contas, o propósito da beleza seja o bem estar pessoal. Mas se o propósito está nos outros, aconselharia que o tempo e a energia gastos seja utilizados para aperfeiçoar e adubar o interior. A atração surge não só pela aparência mas sim pela beleza que emana. Não importa quão belo, uma atração resumida ao físico não é duradoura. A atração tem que ter origem no brilho da beleza interior. E as que estão cientes de tal fato, não precisam buscar beleza ao seu redor. Até porque quando se encontra algo que lhe faz sentir completo, tudo fica melhor. Quando aquilo vai embora, você se sente incompleto novamente. Isso provoca o desejo constante de buscar a satisfação de se sentir completo novamente. Não conseguir saciar esse desejo traz sofrimento, ou seja, a impermanência da satisfação lhe faz sofrer. O pior é que buscando fora, a tendência é se afastar cada vez mais da origem do "vazio".

Porém, não buscam-se culpados. Talvez aliados na tentativa de se poder entender o emaranhado presente nessa epidemia mundial. Por conseguinte, não cabe aqui - nem em qualquer outra abordagem, seja qual for - reduzir o Homem à expressão de produto do meio. O homem também faz o meio. É produto e agente. Ao transformar o meio ele também se transforma.

Mídia, vizinhos, Internet, revistas, tudo isso são pacotes de soluções que aliviam, mas não resolvem. Cada um precisa percorrer seu próprio caminho mesmo que sempre haja projetos a acabar, lâmpadas para trocar, coisas a conhecer. O vazio – fértil ou não – deve fazer parte de cada vida sem que seja preciso inventar utilidade no lugar da inutilidade.

Deve-se treinar a possibilidade de parar de se olhar de uma perspectiva externa. É preciso superar o hábito, a mentalidade das receitas para podermos nos aceitar como somos - com nossas rugas, gordurinhas e imperfeições - ou ficaremos eternamente reféns dessa busca (insana) da perfeição. Se não nos aceitamos como somos, como podemos pretender que os outros nos aceitem? O problema, portanto, está em nós (na aceitação do que somos) e não no outro.

É claro que o "belo" atrai - e mulheres jovens, bonitas e bem cuidadas são mais desejáveis (e invejáveis). Mas daí a achar que tudo se restringe à beleza e que só ela pode garantir a felicidade é muita pobreza de espírito. Se fosse assim, todas essas belíssimas modelos que enfeitam as páginas das revistas e as passarelas seriam as pessoas mais felizes e realizadas do mundo. É sabido perfeitamente bem que não é isso que acontece; muitas delas mergulham em outros mundos para aplacar sua solidão. Mas esse já seria um outro assunto.

Ressalto que nada disso impede que nos cuidemos (os cremes e tratamentos estão aí e devem ser usados), mas o que é saber se cuidar? Mulheres magras e perfeitas que não fazem preventivo, por exemplo, se cuidam? Como afirmou certa vez Ivo Pitanguy, as rugas são lembranças do que vivemos e experimentamos ao longo de nossas vidas. Então, por que negá-las? Essa idéia de que a mulher *tem que ser* bonita é um mito, exatamente como era mitos a idéia de que mulheres respeitáveis não sentiam prazer ou que o seu lugar era o espaço privado.

Lembremos que os cosméticos são usados pela própria vontade, e talvez por isso há quem acredite que esse tipo de escravidão é mais saudável do que aquela obrigação de ter que, por exemplo, passar roupa com um ferro de carvão. Mas quantas vezes as mulheres não puxam esse ferro na academia em nome da beleza? E passar roupa continua sendo uma necessidade para quem quer andar, pelo menos, bem vestido.

Com isso não se pretende creditar à supervalorização da juventude e à negação da velhice o ônus da falta de espaço para a convivência com as marcas do tempo. Cabe, isso sim, à menos-valia das mulheres (homens aqui incluídos) que investem no parecer.

A ilusão do corpo perfeito, da eterna juventude, esbarra na angústia da morte. Pensar, introspectar, pode gerar muita angústia. Particularmente aos que não são. Percebo que admirar e compreender a própria beleza diz respeito a constituir uma atitude interior segura que não é estremecido por situações externas. Toda mulher pode ser bela e tal crença começa em acreditar na sua própria beleza.

Fica pobre resumir beleza a falta de idade. O passado não deve reprovar. O presente engloba o passado e o futuro. Somos o resultado de nossas vivências. Precisamos ser pensadores originais do século XIX. Nessa medida, teoricamente, como o vinho: quanto mais velhos, melhores. E não só. Existe beleza nas crianças, na puberdade, na adolescência, na juventude, na idade madura, na velhice e na longevidade.

Por que escamotear as rugas? Elas são o testemunho de nossas vivências. Ivo Pitanguy, do alto de seus 80 anos, faz questão absoluta de ostentar as marcas do tempo no rosto e no corpo. Como explicar? Simples. Ele é. Isso mesmo: Ser. Palavra em desuso. Infelizmente, o abandono dos valores, a completa ignorância da História, um sistema que vive o instante como derradeiro, não permite questionamentos. Eis aí o abismo. O processo de construção como ser-no-mundo é permanente e muito trabalhoso. Fácil parecer, fabricar imagens que não convencem, sequer, os próprios autores.

Vinculado a tudo isso, percebe-se que a negação da velhice, a diminuição da auto-estima e a distorção corporal são eventos constantes na sociedade contemporânea. O discurso da massificação corporal em um padrão plástico deve ser seguido em troca de promessas de felicidade. Falsa promessa.

E a mulher máquina? Expressões do tipo “ela é um avião”, dimensionam a “ideologia” da vez. Jovens lindas sucumbem à tentação e exibem seios e bundas siliconados. Não cultivam aquilo que as define como únicas. Rendem-se aos padrões da uniformização. Por quê? Para quê? Para tentar preencher insatisfações emocionais, sobretudo faltas. A falta existirá sempre. As pessoas não sabem conviver com elas. A vida não possibilita a realização de todos os nossos desejos e mensagens divulgadas pelos meios de comunicação fermentam a insegurança das jovens. O comercialismo cria o belo, mas lembre-se não ser possível encontrar a verdadeira beleza em modismos. Assim como não é possível comprá-la.

É característica do ser humano mudar, reclamar e se adaptar – sempre que possível for – ao meio e ao que ele busca. E isso não acaba. É uma grande biblioteca onde existem vários livros sobre o mesmo tema. Seja sobre o cotidiano ou a aparência, tem sempre algum pra ler e criar – às vezes erroneamente – sua base neles. Sempre seremos inconstantes e insatisfeitos. Na verdade, tudo é um conjunto, tudo se completa. É necessário cuidar da essência, assim como da capacidade profissional e mental. O resto é casca que apodrece. Mas, apesar disso se nos sentimos bem em estarmos bonitas, cuidemos de tudo isso sem esquecer que inteligência apurada em um corpo apodrecido não tem atrativo algum.

Assim, a idéia é desmistificar a tirania imposta pela sociedade, levando cada pessoa ao questionamento e a olhar um pouco mais para si, sua própria auto-estima. Nessa tentativa, o objetivo é fazer com que cada um encontre sua estética interior e pessoal ressaltando a sensualidade e a beleza do corpo, não importando a influência de corpos com formas perfeitas e fotos de modelos de beleza, que forçam indivíduos a viver em busca dos padrões utópicos da beleza perfeita. Essa postura tem a ver com a escravidão e não com evolução e auto-suficiência. Há quem perca o limite quando o assunto é estética, esquecendo da saúde. Aliás, essa podia ser a nova tendência: saúde!

Hoje o que vemos é a cada esquina uma academia, uma loja de produtos naturais e uma clínica estética – onde pode-se parcelar a própria beleza antes do próximo verão. Uma correria contra o tempo e o estético, às vezes.

É certo que a medicina estética contribui muito para essa realidade com a sua evolução cortes menos profundos e pós-operatórios menos doloridos e prolongados são uma realidade. Mas lembremos que a medicina estética é a arte do belo e como as outras deve ser liberada dos juízos de valores. Valor este apontado pelo bem estar que proporciona a quem embolsa seus benefícios. Sofremos influencia da cultura, da mídia, de valores sócio- culturais assim como dos costumes. Acreditar que a medicina estética institui os aspectos levantados por tal estudo é cometer um erro grotesco assim como grave reducionismo. Ela atende a pretensão de um inconsciente coletivo, de uma produção quase que artística capaz de criar, manter e melhorar a beleza humana, não perdendo de vista questão como saúde, cultura e o bem estar emocional, fundamentais representantes da condição humana.

A relação médico-paciente – em busca de estética – é de transferência de responsabilidade para com a sua obsessão estética. Dentro dessa questão, é importante perceber quais as implicações dessa situação. Por um lado existe a questão da remuneração profissional e o fato desse ser um mercado em expansão. Mas por outro, tem-se a questão humanitária e muitas vezes situações que não dão certo – o paciente se deforma pelo exagero – e outra, como chegar a esse paciente que, segundo ele, só quer ser mais bonito para ser mais feliz, por exemplo?

Fica claro e restrito que a plástica tem uma questão muito íntima com a crise de identidade. Claro que tem pessoas que fazem e estão – ou são – bem resolvidas, mas não são essas que vão aparecer como demanda para o psicólogo.

Essas são novas mulheres – as bem resolvidas e que conseguem dosar a sua liberdade de expressão - abrem lugar na cultura como forças ativas e subversivas. Sua potência é formidável. Espera-se que elas sejam as representantes para a nova vaga que necessitamos, capazes de inventar emoções, esperanças e expectativas. Uma vaga para pessoas que amem por demais a vida para querer apenas ser belo.

Espero que tal trabalho tenha confortado e consolado os que acreditam que beleza é fundamental e que de tal forma, seja possível perdoar o corpo pelas imperfeições e deficiências da idade renegociando com um corpo em permanente mutação.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Jane. *Acorde, bela adormecida*. São Paulo: Editora Best Seller.

ARATANGY, Lúcia. *Sexualidade: a difícil arte do encontro*. São Paulo: Ática, 2002, in VEIGA, Ana Paula. (Quase) Feitos um para o outro, monografia apresentada ao departamento de psicologia do IBMR como requisito parcial para obtenção do título de Pós-graduada em Sexualidade Humana, 2003.

BOFF, Leonardo. *O gênero na crise da cultura dominante e na emergência de um novo paradigma civilizacional*, in BOFF, Leonardo e MURARO, Rose Marie. *Feminino e masculino: Uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

CIORNAI, Selma. *Da contracultura à menopausa*. São Paulo: Editora Oficina dos Textos, 1999.

CHAGAS, Eliane P. *Corpo feminino do detalhe... uma possibilidade de construção de novos territórios para a subjetividade feminina*, in ROMERO, Elaine (org.). *Corpo, mulher e sociedade*. São Paulo: Editora Papirus, 1995.

COSTA, Moacir. *Mulher: A conquista da liberdade e do prazer*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

COURTINE, Jean-Jacques, *Os Stakhanovistas do Narcisismo: Body-building e puritanismo ostentatório na cultura amedicana do corpo*, in Sant'Anna, Denise Bernuzzi de. *Políticas do Corpo: Elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

COUTO, Luciana N. *A deserotização do corpo: Um processo histórico-cultural*, in ROMERO, Elaine (org.). *Corpo, mulher e sociedade*. São Paulo: Editora Papirus, 1995.

DEL PRIORE, Mary. *Corpo a corpo com a mulher: Pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

FERNANDO, Edson e REZENDE, Jonas. *Dores que nos transformam: Quando frágeis, então somos fortes*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

FREEDMAN, Rita. *Meu corpo... meu espelho: aprendendo a conviver com seu corpo, a aceitar seu visual e a gostar cada vez mais de você*, tradução: Magda Lopes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

HITE, Shere. *O orgulho de ser mulher*, tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

JOHANSON, Sue. *ABC do sexo*, tradução: Potira Romualdo Cunha e Milena Andrade Correia. São Paulo: Seoman, 2005.

JUNIOR, João Francisco Duarte. *Beleza: O que é beleza*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

LINS, Regina Navarro. *A cama na varanda: arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.

LUCERO, Nelson A. A. *O corpo redescoberto*, in ROMERO, Elaine (org.). *Corpo, mulher e sociedade*. São Paulo: Editora Papirus, 1995.

MEDINA, João Paulo S. *O brasileiro e seu corpo: Educação e política do corpo*. São Paulo: Editora Papirus, 1990.

PEREIRA, João Baptista Borges. *A linguagem do corpo na sociedade brasileira: do ético ao estético*, in Queiroz, Renato da Silva, *O corpo do Brasileiro: estudos de estética e beleza*. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

POCIELLO, Christian. *Os desafios da leveza: As práticas corporais em mutação*, in Sant'Anna, Denise Bernuzzi de. *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

QUEIROZ, Renato da Silva; OTTA, Emma. *A beleza em foco: condicionantes culturais e psicobiológicos na definição da estética corporal*, in *O corpo do Brasileiro: estudos de estética e beleza*. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

RIBEIRO, Cláudia; ABOUDID, José Horácio. *Você e a cirurgia plástica: tudo o que você quer saber sobre cirurgia plástica*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

ROMERO, Elaine. *A arquitetura do corpo feminino e a produção do conhecimento*, in ROMERO, Elaine (org.). *Corpo, mulher e sociedade*. São Paulo: Editora Papirus, 1995.

GOLDENBERG, Mirian e RAMOS, Marcelo Silva. *A civilização das formas: o corpo como valor*, in Goldenberg, Miria. *Nu e Vestido: Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. São Paulo: Editora Record, 2002.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Cuidados de si e embelezamento feminino: Fragmentos para uma história do corpo no Brasil*, in Sant'Anna, Denise Bernuzzi de. *Políticas do Corpo: Elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SCHPUN, Mônica Raisa. *Beleza em Jogo: Cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. São Paulo: Editora Senac, 1999.

SIEBERT, Raquel Stela de Sá. *As relações de saber-poder sobre o corpo*, in ROMERO, Elaine (org.). *Corpo, mulher e sociedade*. São Paulo: Editora Papirus, 1995.

SILVA, Maritza Maffei da. *Mulher identidade fragmentada*, in ROMERO, Elaine (org.). *Corpo, mulher e sociedade*. São Paulo: Editora Papirus, 1995.